

**Patricia Carla
Goncalves
Salvatori**

Doutora e Mestre
em Ciências da
Comunicação
na Escola de
Comunicações
e Artes da

Universidade de São
Paulo, graduada em
Relações Públicas,
com especialização
em Comunicação
Empresarial, ambas
pela Faculdade
Cásper Líbero. Possui
experiência na área
de Comunicação,
com ênfase em
Relações Públicas
e Comunicação
Corporativa. Atua
como consultora
de diversidade e
é fundadora da @
redemaesatípicas.
E-mail: psalvato@uol.
com.br

**Tecendo redes de
empreendedorismo materno:
A importância de redes de
apoio para mães atípicas
empreendedoras**

Weaving networks of
maternal entrepreneurship:
The importance of support
networks for atypical
entrepreneurial mothers

Tejiendo redes de
emprendimiento materno:
La importancia de las redes
de apoyo para madres
empreendedoras atípicas

RESUMO

Mulheres que são mães de pessoas com deficiência, as chamadas mães atípicas, enfrentam desafios de cuidados, de falta de políticas públicas, de abandono conjugal, de invisibilidade por parte das empresas e da sociedade. A partir da reconstituição da maternidade e sua relação com o trabalho no Brasil, este estudo quantitativo teve como objetivo mapear a percepção de mães atípicas brasileiras sobre a formação de redes de empreendedorismo como caminho para o fortalecimento da cidadania destas mulheres.

Palavras-chave: Empreendedorismo materno; Maternidade atípica; Redes de Apoio; Relações públicas comunitárias.

ABSTRACT

Women who are mothers of people with disabilities, called atypical mothers, face challenges of care, lack of public policies, marital abandonment, and invisibility by companies and society. Based on the reconstruction of motherhood and its relationship with work in Brazil, this quantitative study aimed to map the perception of atypical Brazilian mothers about the formation of entrepreneurship networks as a path to strengthening the citizenship of these women.

Key words: Maternal entrepreneurship; Atypical motherhood; Support networks; Community Public Relations.

RESUMEN

Las mujeres madres de personas con discapacidad, las llamadas madres atípicas, enfrentan desafíos de cuidado, falta de políticas públicas, abandono conyugal e invisibilidad por parte de las empresas y la sociedad. A partir de la reconstitución de la maternidad y su relación con el trabajo en Brasil, este estudio cuantitativo tuvo como objetivo mapear la percepción de madres brasileñas atípicas sobre la formación de redes de emprendimiento como camino para fortalecer su ciudadanía.

Palabras clave: Emprendimiento materno; Maternidad atípica; Redes de apoyo; Relaciones publicas comunitarias.

Introdução

Um estudo alarmante da Fundação Getúlio Vargas (FGV) revela que, em média, 50% das mulheres são demitidas sem justa causa nos 12 meses seguintes à licença maternidade. Essa taxa elevada indica um grave problema de discriminação de gênero no mercado de trabalho brasileiro. Mulheres que decidem conciliar a maternidade com a carreira profissional enfrentam um cenário desafiador, com empresas que muitas vezes não oferecem o apoio necessário e optam pela demissão, em vez de adotar medidas flexíveis para a retenção de talentos (Machado; Pinho Neto, 2017).

Mães atípicas, expressão frequente para se referir às mulheres que são mães de pessoas com deficiência, costumam enfrentar uma série de desafios nas diversas esferas de suas vidas. As demandas adicionais de cuidados se somam ao alto índice de abandono conjugal, a partir do machismo, que minimiza a responsabilidade dos pais e sobrecarrega a responsabilidade das mulheres. Também são recorrentes as preocupações financeiras com cuidados médicos, terapias especializadas e/ou equipamentos, ao passo que cerca de 70% destas mulheres têm suas carreiras interrompidas em razão da maternidade (Salvatori, 2023)

A falta de apoio institucional por parte das empresas que não oferecem políticas adequadas ou flexibilidade no horário de trabalho, cria barreiras de acesso e permanência no mercado de trabalho para essas mulheres, limitando suas opções de emprego e dificultando a busca por oportunidades de trabalho que sejam compatíveis com suas responsabilidades maternas. Além disso, mães atípicas enfrentam estigmas e discriminação em muitos ambientes de trabalho devido a preconceitos e falta de compreensão sobre as necessidades de seus filhos com deficiência, resultando em tratamentos injustos, isolamento social e demissões.

A invisibilidade das mães atípicas é um problema complexo que exige uma abordagem multidimensional. É fundamental que se promovam ações que valorizem a diversidade das experiências maternas, que eliminem estereótipos e que garantam a igualdade de oportunidades para todas as mulheres. A pesquisa de Salvatori (2023) apontou ainda um grande interesse das mães atípicas pelo empreendedorismo, o que representa um campo pouco explorado, tanto do ponto de vista de políticas públicas como de iniciativas privadas que promovam o empreendedorismo feminino. Apesar do potencial empreendedor das mães atípicas, elas enfrentam diversos desafios, como a falta de capital, a dificuldade em encontrar mentoria e *networking* e a conciliação entre os cuidados com os filhos e as demandas do negócio.

Nesse contexto, este estudo se propõe a mapear a percepção de mães atípicas brasileiras sobre a formação de redes de empreendedorismo como caminho para o fortalecimento de sua independência

financeira e participação social. Além disso, busca-se enriquecer a discussão com uma análise mais aprofundada dos aspectos comunicacionais envolvidos na formação e no fortalecimento dessas redes. A comunicação desempenha um papel central na criação de vínculos, na troca de experiências e na construção de estratégias coletivas que podem impulsionar o empreendedorismo dessas mulheres.

Ao promover a visibilidade e o desenvolvimento profissional das mães atípicas, este estudo contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, além de destacar a importância de políticas públicas e privadas que reconheçam e apoiem o potencial empreendedor dessas mulheres. A formação de redes de apoio, aliada a uma comunicação eficaz e inclusiva, possibilita a construção de um caminho promissor para o fortalecimento da cidadania e da autonomia das mães atípicas no Brasil.

Maternidade e o trabalho das mulheres

A afirmação de Goodrich (1990, p. 20) de que “embora sempre tenha existido mães, a maternidade não existia como instituição” representa um marco econômico, cultural e político a partir do século XVIII, quando a maternidade foi resignificada como um instinto feminino essencial para o crescimento populacional e o desenvolvimento colonizador europeu.

Essa visão, influenciada pelo Iluminismo e pelos ideais burgueses, elevou a maternidade a um papel central e inquestionável na vida das mulheres. No Brasil do século XIX, essa reconfiguração foi reforçada pela igreja e pela literatura, que

romantizaram a figura materna, consolidando o estereótipo da mãe abnegada e confinada ao espaço doméstico (Goodrich, 1990).

No século XX, as transformações socioculturais e as lutas feministas desafiaram esses modelos tradicionais, especialmente com a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, as desigualdades de gênero persistem, refletidas na divisão sexual do trabalho e na sobrecarga das mulheres com responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos. Um estudo da FGV (2017) revelou que 50% das mães brasileiras são demitidas sem justa causa nos doze meses seguintes ao término da licença-maternidade, destacando a discriminação de gênero, a dificuldade de conciliar trabalho e maternidade, e a falta de flexibilidade das empresas (Machado; Pinho Neto, 2017). Essa realidade impacta significativamente a vida das mulheres e suas famílias, gerando instabilidade financeira e dificuldades na reinserção no mercado de trabalho.

Quando a análise se direciona para mães de pessoas com deficiência, a situação é ainda mais crítica. Uma pesquisa de Salvatori (2023) com mais de 300 mães de pessoas com deficiência revelou um cenário preocupante: 70% delas interrompem suas carreiras com o nascimento ou recebimento de diagnóstico de seus filhos. Muitas migram de empregos formais para se dedicar ao empreendedorismo, por vezes em condições precárias.

Sob a lente da interseccionalidade, percebe-se que essas mães enfrentam múltiplas dimensões de opressão, como raça, classe social e orientação sexual, tornando-se invisíveis e marginalizadas. A falta de políticas públicas de apoio à maternidade

e a rigidez das organizações, que não adaptam seus ambientes de trabalho às necessidades dessas mulheres, agravam a situação (Salvatori, 2023).

A cultura machista, que atribui às mulheres a responsabilidade primária pelos cuidados, sobrecarrega as mães atípicas, especialmente quando há ausência paterna. Essa invisibilidade tem consequências multifacetadas: dificuldades para manter empregos, menor remuneração, vulnerabilidade à pobreza e exclusão social.

A pergunta 'quem ganha com isso?' ecoa diante das disparidades evidenciadas nos dados apresentados. A concentração de mulheres com trabalhos precários, com menor remuneração e maior probabilidade de interrupção da carreira, não beneficia ninguém além de perpetuar um sistema desigual.

As consequências dessa desigualdade reverberam em diversos níveis. O relatório *Progress on the Sustainable development goals: The Gender Snapshot*, produzido pelo PNUD (2023), afirma que diferenças de cargos e salários, segregação profissional e maior probabilidade de mulheres interromperem suas carreiras para assumirem trabalhos de cuidados perpetuam as disparidades entre homens e mulheres e solidificam desigualdades de gênero. As consequências são prejudiciais para toda a sociedade.

Conforme as mulheres são forçadas a abrir mão de seus interesses, projetos e oportunidades para lidarem sozinhas com os cuidados dos filhos, há impactos econômicos, sociais e políticos profundos: o PIB médio per capita poderia ser 20% mais alto se as desigualdades profissionais entre homens e mulheres fossem eliminadas, de acordo com o

Relatório 2024 *UNDP Trends Report: The Landscape of Development* (2024). Para Kittay (2020, p. 34), enquanto as responsabilidades de cuidados recaírem desproporcionalmente sobre as mulheres, uma igualdade construída irá falhar desproporcionalmente para as aspirações destas mulheres.

Formação de redes, comunicação e empreendedorismo

Segundo o relatório *Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil – GEM* (2020), o empreendedorismo é uma decisão equilibrada entre homens e mulheres, porém, à medida que os negócios se consolidam, surge uma diferença de cinco pontos percentuais a mais para os homens. De acordo com o relatório, o maior nível de abandono pelas mulheres é atribuído a vários fatores: mulheres optam por empreender em momentos de crises financeiras, mais por necessidade do que por escolha; há maior concentração de mulheres em negócios de atividades domésticas, com concorrência maior; e mulheres optam mais por serviços domésticos e de cuidados de familiares. As atividades que concentram grande parte dos negócios de mulheres no Brasil são serviços domésticos; cabeleireiras e outras atividades de beleza; comércio varejista de vestuário e acessórios; serviços de alimentação; e confecção de roupas. Todas estas atividades lideram a relação de negócios não formalizados, sem registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (GEM, 2020).

De acordo com Tanure (2014), as mulheres ingressam no empreendedorismo, inclusive em contextos de baixa renda, para suprir necessidades financeiras e conciliar trabalho com dedicação à família. Grande

parte do fortalecimento de redes de mulheres surge a partir da mobilização pela internet, impulsionada pela disseminação das mídias sociais digitais. Essas redes criam novas relações de afeto, apoio e negócios, refletindo o conceito de poder multidimensional de Castells (2013), que se organiza em torno de redes de comunicação e se adapta conforme os interesses dos atores — neste caso, as mulheres. Essas redes representam formas de resistência e mudança social, nas quais as mulheres se tornam agentes ativas na construção de novas dinâmicas de poder.

Os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do poder na sociedade em rede. Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem. (Castells, 2013, p. 18)

Weaver (2019) complementa essa perspectiva ao afirmar que o ativismo digital traz novas oportunidades para redefinir as Relações Públicas no contexto da comunicação digital. Pessoas e grupos que antes eram excluídos das estruturas comunicacionais dominadas pelos meios de comunicação de

massa tradicionais agora têm a capacidade de se comunicar com um vasto público. As redes digitais multimodais de comunicação horizontal, na concepção de Castells (2013, p. 25), são veículos que geram maior agilidade, autonomia, interatividade e amplificação para os movimentos sociais. Esses processos de comunicação digital não apenas direcionam as características organizacionais dos movimentos sociais, mas também reduzem hierarquias, aumentam a participação e transformam os movimentos em “uma nova espécie em seu gênero”.

Para Paulo Freire (2018), a cidadania pode ser produzida a partir de processos de educação libertadora, que gerem tomada de consciência sobre seu papel social e a percepção clara da realidade em que se vive. A busca pelo pertencimento impacta pessoas, organizações e sociedade. Peruzzo (2007) propõe que a comunicação, quando direcionada à cidadania, atua como um catalisador de transformações sociais. Ao ser construída de forma participativa pelos próprios cidadãos, essa comunicação se fundamenta na relação entre direitos e deveres, potencializando a ação cidadã na busca por uma ampliação contínua dos direitos sociais. Nessa perspectiva, a qualidade da cidadania não se limita à mera participação em processos comunicativos, mas se consolida pela capacidade de mobilizar a sociedade em prol de seus direitos.

Salvatori (2023) indica que metade das mães atípicas que deixam de trabalhar possuem interesse em empreender, desde que sejam oferecidas condições adequadas para o desenvolvimento de seus negócios. Esse dado não apenas sinaliza uma fonte inexplorada de empreendedoras em potencial,

mas também evidencia a necessidade de políticas públicas e iniciativas privadas que promovam o empreendedorismo feminino, especialmente neste segmento. A pesquisa também destaca que 64% das mães atípicas voltariam ao mercado de trabalho formal se houvesse mais flexibilidade. Essa demanda por flexibilidade reflete a necessidade de conciliar a vida profissional com os cuidados familiares. Ao oferecerem jornadas de trabalho mais flexíveis, horários ajustáveis e a possibilidade de trabalho remoto, as empresas podem atrair e reter talentos, além de aumentar a produtividade e a satisfação dos funcionários.

A decisão de empreender, para muitas mães atípicas, pode ser vista como uma estratégia para conciliar a vida familiar com a profissional, buscando autonomia financeira e flexibilidade para atender às demandas da maternidade. Ao iniciar seus próprios negócios, essas mulheres encontram uma oportunidade de gerar renda, desenvolver suas habilidades e realizar seus projetos pessoais. Apesar do potencial empreendedor das mães atípicas, elas enfrentam diversos desafios, como a falta de capital, a dificuldade em encontrar mentoria e *networking* e a conciliação entre os cuidados com os filhos e as demandas do negócio. Por outro lado, essas mulheres também possuem características que as tornam empreendedoras de sucesso, como a resiliência, a criatividade e a capacidade de adaptação.

Para Lerner (2019, p. 267), "a existência de grupos, associações ou redes econômicas de mulheres serve para aumentar a capacidade das mulheres de neutralizar as imposições de seu sistema patriarcal particular". A afirmação da autora sobre a capacidade dos grupos de mulheres em

neutralizar as imposições patriarcais encontra um eco profundo no contexto do empreendedorismo materno. Ao se conectarem em redes de apoio, as mães empreendedoras não apenas fortalecem suas capacidades individuais, mas também desafiam as estruturas sociais que limitam suas oportunidades.

Resultados

Com método quantitativo e amostragem probabilística, este estudo se propôs a mapear a percepção de mães atípicas brasileiras sobre a formação de redes de empreendedorismo como caminho para o fortalecimento da cidadania destas mulheres. Por meio de um questionário de autopreenchimento *online*, o levantamento divulgado nas redes sociais digitais da autora (Facebook, Instagram e LinkedIn) e compartilhado em grupos de discussão sobre maternidade atípica, obteve 274 respondentes válidas.

Importante destacar que a amostra apresenta limitações, pois a coleta de dados *online* reflete a “bolha digital” da autora e exclui mulheres em vulnerabilidade social, sem acesso à internet ou a grupos de discussão virtuais. Essa lacuna indica a necessidade de futuros estudos com maior diversidade de perfis para um entendimento mais abrangente e inclusivo. Apesar disso, a pesquisa contribui para o debate sobre os desafios e potencialidades do empreendedorismo como estratégia de fortalecimento, reforçando a urgência de políticas públicas e redes de apoio que considerem a pluralidade de realidades dessas mulheres.

A pesquisa realizada em maio de 2024 com 274 mães atípicas empreendedoras revelou um perfil

diversificado, mas com algumas características em comum. Ao analisar os dados, podemos identificar alguns pontos relevantes para a compreensão do contexto e dos desafios enfrentados por essas mulheres:

- Faixa etária dos filhos: A maior parte das participantes (35%) possui filhos entre 0 e 6 anos, o que indica um grande desafio em conciliar a maternidade com a vida profissional nos primeiros anos de vida dos filhos.
- Raça/cor: A pesquisa apontou uma predominância de mulheres brancas (69%), com uma representatividade menor de mulheres negras (27%). Essa disparidade reflete as desigualdades raciais presentes na sociedade e no mercado de trabalho.
- Escolaridade: A maioria das participantes possui ensino superior (71%), o que demonstra um alto nível de escolaridade e qualificação profissional. No entanto, ainda há uma parcela significativa de mulheres com ensino médio completo (17%), indicando a necessidade de políticas públicas que promovam a educação e a qualificação profissional para todas as mulheres.

Em relação à situação profissional, o estudo revelou um perfil profissional diversificado entre as mães empreendedoras. Ao serem questionadas sobre sua situação profissional, os dados indicam:

- Autônomas com CNPJ (45%): esse grupo representa uma parcela significativa das entrevistadas, demonstrando um compromisso com a formalização do negócio e com

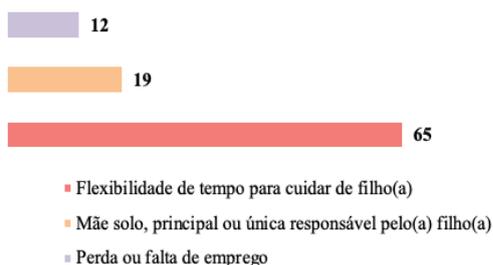
a busca por maior profissionalização. A formalização do CNPJ proporciona diversos benefícios, como a possibilidade de emissão de notas fiscais, acesso a linhas de crédito e maior credibilidade no mercado.

- Empreendedoras informais (43%): um número expressivo de mulheres ainda exerce suas atividades de forma informal, sem registro de CNPJ. Essa situação pode estar relacionada a diversos fatores, como a dificuldade em formalizar o negócio, a falta de conhecimento sobre os benefícios da formalização e a busca por flexibilidade para conciliar a vida profissional com a maternidade.
- Emprego formal e empreendedorismo (24%): um quarto das entrevistadas combina o empreendedorismo com um emprego formal. Essa situação pode indicar a necessidade de uma renda complementar para sustentar a família ou a busca por segurança financeira enquanto o negócio próprio se consolida.

Em relação aos motivos que a impulsionaram para o empreendedorismo, os dados apresentados no Gráfico 1 (abaixo), revelam um cenário em que a necessidade é o principal motivador para o empreendedorismo. A busca por flexibilidade para conciliar a vida profissional com os cuidados com os filhos (65%) emerge como o principal motivo, evidenciando a importância do empreendedorismo como uma estratégia para garantir autonomia e independência financeira, ao mesmo tempo em que permite um maior controle sobre o tempo dedicado à família. A maternidade solo (19%) e a

perda ou falta de emprego (12%) se destacam como outros fatores que impulsionam as mulheres para o empreendedorismo, evidenciando a necessidade de alternativas para garantir a subsistência própria e de seus dependentes.

Gráfico 1 – Motivos para empreender



Fonte: elaborado pela autora

Questionadas se participam de alguma rede de apoio *online*, a predominância de participação em grupos de mães com filhos com deficiência (55%) reflete a importância dessas comunidades para o compartilhamento de experiências, informações e suporte emocional, especialmente em um contexto de desafios específicos. A participação em redes de empreendedorismo materno atípico (19%) demonstra a crescente busca por espaços de conexão e troca de experiências entre mulheres que conciliam a maternidade com o empreendedorismo, muitas vezes em condições não convencionais.

Esse dado é relevante, pois evidencia a necessidade de políticas públicas e iniciativas que promovam o empreendedorismo feminino e ofereçam suporte específico para essas mulheres. A adesão

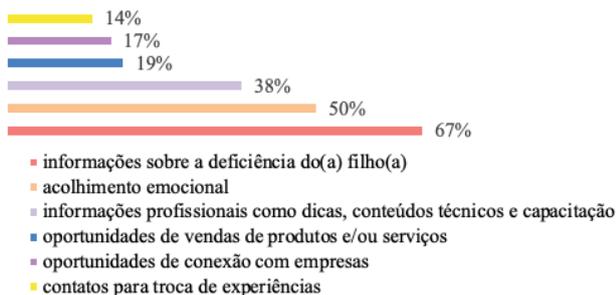
a redes de empreendedorismo feminino (12%) e de apoio religioso (10%) indica a diversidade de necessidades e busca por apoio em diferentes esferas da vida dessas mulheres.

No entanto, o dado de que 35% das entrevistadas não participam de nenhuma rede de apoio chama a atenção para a necessidade de ampliar o alcance dessas iniciativas e de desenvolver estratégias para alcançar mulheres que ainda não estão conectadas a esses espaços.

Ao serem perguntadas sobre os benefícios proporcionados pelas redes de apoio *online*, as mães empreendedoras destacaram, em sua maioria, aspectos relacionados ao suporte emocional e à obtenção de informações sobre a deficiência de seus filhos (67%). Esse dado, apresentado no Gráfico 2 (a seguir), revela a importância dessas comunidades virtuais como espaços de acolhimento e troca de experiências, nos quais as mães podem encontrar apoio e orientação para lidar com os desafios da maternidade e da inclusão.

No entanto, os benefícios relacionados ao empreendedorismo, como acesso a informações profissionais, oportunidades de *networking* e divulgação de seus negócios, ainda não são tão evidentes para a maioria das participantes. Apenas 38% das entrevistadas mencionaram a obtenção de informações técnicas e capacitação como um benefício relevante, enquanto 19% destacaram as oportunidades de venda de produtos ou serviços.

Gráfico 2 – O que as redes oferecem



Fonte: elaborado pela autora

Ao serem questionadas sobre quais recursos gostariam de encontrar em redes de apoio *online*, as mães empreendedoras demonstraram uma busca por ferramentas que as auxiliassem tanto no desenvolvimento de seus negócios quanto no âmbito pessoal. No âmbito profissional, as expectativas se concentraram em:

- Oportunidades de negócios: as participantes expressaram o desejo de encontrar plataformas que promovessem a visibilidade de seus produtos e serviços, facilitando a geração de novas vendas.
- Mentoria: a busca por mentoria indica a necessidade de acompanhamento personalizado e acesso a conhecimentos especializados para superar os desafios do empreendedorismo.
- Apoio financeiro: a falta de recursos financeiros é um dos principais obstáculos enfrentados pelas mães empreendedoras, e a expectativa

de encontrar apoio financeiro nas redes de apoio reflete essa necessidade.

- Capacitações: a busca por capacitações demonstra o interesse das mães empreendedoras em adquirir novas habilidades e conhecimentos para aprimorar seus negócios.

Um aspecto que transcende o âmbito profissional e chama a atenção é a busca por acolhimento. Esse dado revela a importância das redes de apoio *online* como espaços de troca de experiências, apoio emocional e construção de redes de contato, nos quais as mães empreendedoras podem se sentir compreendidas e apoiadas em suas jornadas.

A Rede Mães Atípicas, rede de apoio ao empreendedorismo de mulheres que são mães atípicas, é conhecida por apenas 37% das entrevistadas. O baixo índice de conhecimento da rede demonstra que há um grande número de mães empreendedoras que poderiam se beneficiar do apoio e da troca de experiências proporcionados pela rede. Os dados apresentados evidenciam a necessidade de intensificar os esforços de divulgação da Rede Mães Atípicas, a fim de alcançar um número maior de mães empreendedoras e oferecer o apoio necessário para o desenvolvimento de seus negócios.

Em relação ao principal desafio do empreendedorismo, os dados apresentados revelam um cenário desafiador para as mães empreendedoras, com a conciliação entre vida profissional e pessoal emergindo como o principal obstáculo. A dificuldade em equilibrar as demandas do trabalho com as responsabilidades familiares, mencionada por 76% das entrevistadas, aponta para a necessidade de políticas

e iniciativas que ofereçam suporte específico para esse grupo de mulheres.

Além da questão da conciliação, outros desafios foram identificados, como a comunicação e divulgação dos produtos ou serviços nas redes sociais (45%), a falta de tempo para a prospecção de novos negócios (38%), a dificuldade em obter crédito e investimentos (33%) e a necessidade de aprimorar as habilidades de vendas (29%).

O último tópico da pesquisa se refere ao uso das redes sociais para fins profissionais. A grande maioria das entrevistadas (67%) utiliza essas plataformas para obter e compartilhar conhecimentos, demonstrando a importância das redes sociais como ferramentas de aprendizado e desenvolvimento profissional.

No entanto, a pesquisa também evidencia uma disparidade entre a utilização das redes sociais para fins de aprendizado e sua utilização para fins comerciais. Embora 50% das entrevistadas afirmem vender produtos e serviços pelas redes, um número considerável (38%) se limita a se conectar com grupos profissionais e apenas 19% utilizam as redes para aumentar sua reputação.

Considerações finais

A pesquisa sobre a percepção de mães empreendedoras brasileiras em relação às redes de apoio revelou um panorama rico e complexo do empreendedorismo materno atípico no país. A investigação evidenciou a importância das redes de apoio para essas mulheres, ao mesmo tempo em que apontou desafios e oportunidades a serem exploradas. O levantamento revelou uma diversidade significativa entre as participantes, com diferentes

idades, níveis de escolaridade e estágios de seus empreendimentos. A principal motivação para o empreendedorismo foi a busca por flexibilidade para conciliar a vida profissional com a maternidade, seguida pela necessidade de gerar renda.

As redes de apoio se mostraram essenciais para as mães atípicas empreendedoras, proporcionando informações relevantes, oportunidades de *networking* e suporte emocional. A pesquisa evidenciou que as participantes valorizam especialmente o compartilhamento de experiências e a possibilidade de aprender com outras mulheres que enfrentam desafios semelhantes.

Apesar dos benefícios das redes de apoio, a pesquisa identificou diversos desafios enfrentados pelas mães empreendedoras, como a dificuldade em conciliar a vida pessoal e profissional, a falta de acesso a recursos financeiros e a necessidade de aprimorar habilidades de gestão e *marketing*. As redes sociais surgem como uma ferramenta importante para superar esses desafios, mas ainda há um grande potencial a ser explorado nesse sentido.

É fundamental ressaltar a importância da saúde mental das mães atípicas empreendedoras como um ponto de atenção para futuras pesquisas. A conciliação entre os múltiplos papéis, a pressão por resultados e a busca por um equilíbrio entre vida pessoal e profissional podem gerar um grande desgaste emocional. A investigação sobre as estratégias de cuidado com a saúde mental utilizadas por essas mulheres e a oferta de serviços de apoio psicológico podem contribuir significativamente para o bem-estar e o sucesso do empreendimento.

Os resultados da pesquisa apontam para a necessidade de fortalecer as redes de apoio ao empreendedorismo materno, oferecendo serviços mais personalizados e específicos para as necessidades desse público. Além disso, é fundamental investir em políticas públicas que promovam o empreendedorismo feminino e que facilitem o acesso das mães empreendedoras a recursos financeiros, capacitação e mentoria.

Com base no estudo, recomenda-se o fortalecimento e expansão das redes existentes como a Rede Mães Atípicas, a ampliação de ofertas de capacitação e mentoria, investimentos financeiros para a realização de eventos e ações de divulgação e criação de programas de mentoria que conectem mães empreendedoras com profissionais experientes em diferentes áreas.

A sustentabilidade financeira das redes de apoio é um desafio comum. É preciso ampliar o debate sobre a garantia de continuidade das atividades da Rede Mães Atípicas, explorando diferentes fontes de financiamento, como parcerias com empresas, captação de recursos e apoio governamental.

O desenvolvimento de políticas públicas que incentivem o empreendedorismo materno atípico e que ofereçam benefícios específicos para as mães empreendedoras, como linhas de crédito, acesso a programas de capacitação e benefícios fiscais, também se faz necessário.

Além disso, é fundamental refletir sobre a dimensão comunicacional no contexto das redes de apoio. Como destacam Terra e Raposo (2023), a sociedade de dados e o funcionamento dos algoritmos exigem que profissionais e organizações compreendam profundamente

esses mecanismos para desenvolver estratégias de comunicação eficazes. A comunicação, nesse cenário, tem o potencial de criar mensagens personalizadas e dirigidas, gerando valor não apenas para as organizações – ou redes –, mas para toda a sociedade.

Em resumo, a pesquisa destaca a importância do empreendedorismo materno atípico e a necessidade de criar um ambiente mais favorável para que as mães empreendedoras possam desenvolver seus negócios e alcançar seus objetivos. Ainda que a fotografia atual demonstre baixo alcance de visibilidade, as redes de apoio desempenham um papel fundamental nesse processo, proporcionando o suporte necessário para que essas mulheres possam superar os desafios e construir um futuro mais próspero para si e suas famílias.

Referências

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GEM - Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil**: 2019. Curitiba: IBQP, 2020.

KITTAI, E. F. **Loves labor**: essays on women, equality and dependence. Nova Iorque: Routledge, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MACHADO, Cecília; PINHO NETO, V. **Consequências da licença maternidade no mercado de trabalho**. Políticas públicas: evidências do Brasil. 2017.

PERUZZO, C. M. K. Cidadania, comunicação e desenvolvimento social. In: KUNSCH, M. M. K; KUNSCH, W. L. (Orgs.). **Relações públicas comunitárias**: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora. São Paulo: Summus, p. 45-58, 2007.

OPNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **2024 UNDP Trends Report**: The Landscape of Development, 2024. Disponível em: <https://www.undp.org/future-development/publications/2024-undp-trends-report-landscape-development>

SALVATORI, P. C. G. **Ativismo em um mundo (im)perfeito**: relações públicas e cidadania para pessoas com deficiência. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SALVATORI, P. C. G. **Trabalhos além da maternidade atípica**: mapeamento sobre empreendedorismo e mídias digitais. Anais do XVII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Rio de Janeiro, 2023.

TANURE, P. T. **Empreendedorismo e família**: quando flexibilizar horários se torna uma sobrecarga para as mulheres. 2014. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014.

TERRA, C. F.; RAPOSO, J. F. **Relações Públicas e Comunicação orientadas aos dados: realidade ou necessidade contemporânea?** Interfaces da Comunicação. v. 1, n. 1, p. 1–14, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/interfaces/article/view/211495>

WEAVER, C. K. The slow conflation of public relations and activism: understanding trajectories in public relations theorizing. In: ADI, A. **Protest Public Relations**: Communicating Dissent and Activism. New York: Routledge, 2019.